A ARTE COMO DISPOSITIVO DE MEMÓRIA, VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA DE CORPOS PSICOPATOLOGIZADOS

Viviane dos Santos Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-1323-892X
Endereço eletrônico: vivianverona04@gmail.com

Caroline Vasconcelos Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7866-5473
Endereço eletrônico: caroline.ribeiro@uesb.edu.br

Palavras-chaves: Arte; Corpos dissidentes; Fenomenologia; Memória corporal.

INTRODUÇÃO

A proposta do presente trabalho é compartilhar um recorte teórico de um projeto de pesquisa de doutorado do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Apesar dos processos de doutoramento e pesquisa estarem na fase inicial, possuímos uma trajetória de pesquisas e estudos que contribuem para reflexões importantes acerca da correlação entre corporeidade, marginalização dos corpos psicopatologizados e expressão artística como dispositivo de resistência e de visibilidade no contexto da saúde mental.

Para fins de aproximação teórica vamos considerar nas reflexões tecidas neste trabalho que os corpos psicopatologizados também pertencem ao núcleo conceitual de "corpos dissidentes", uma vez que estes se referem-se àquelas existências que se encontram em dissenso ou desacordo com os padrões de normalidade impostos pelas ideologias dominantes (capitalistas, racistas, heteronormativas e capacitistas), os quais são alvos de técnicas

disciplinares que visam torná-los corpos dóceis (Silva, 2024; Almeida; Neto, 2020). Tais corpos são marcados historicamente por lugares da diferença e modos de ser considerados periféricos, abjetos ou marginais (Lopes; Guimarães, 2021; Moreira, *et al.*, 2024). Essa dissidência abrange uma vasta gama de identidades, incluindo pessoas LGBTQIA+, negros, indígenas, mulheres, pessoas com deficiência e sujeitos em sofrimento psíquico, cujas vidas são frequentemente tratadas como descartáveis por lógicas necropolíticas (Silva, 2024; Moreira, *et al.*, 2024). No campo da saúde mental, essa normatização frequentemente reduz o indivíduo ao seu diagnóstico médico, tratando o corpo apenas como um objeto material (*Körper*) e ignorando a sua dimensão vivida e existencial (Nascimento Neto; Ribeiro, 2024)

A fenomenologia oferece uma chave crítica para essa discussão ao distinguir o corpo físico da corporeidade (*Leib*), ou seja, o corpo que sente, percebe e habita o espaço. Para Heidegger, o ser humano (*Dasein*) não possui um corpo como um objeto, mas *corpora* no mundo por meio de suas ocupações e relações (Nascimento Neto; Ribeiro, 2024). Merleau-Ponty reforça que os sintomas não são meras disfunções orgânicas, mas representam o que a pessoa *é* e como ela se comunica com o mundo. Sob essa ótica, a crise mental deixa de ser apenas uma patologia para ser vista como uma possibilidade de metamorfose e reconstrução do sujeito (Benetti, *et al.*, 2020).

Nesse cenário, a arte emerge como um poderoso dispositivo de expressão subjetiva, de visibilidade corpórea e de resistência política. Ela permite que o corpo dissidente saia do anonimato do paciente e assuma a identidade de artista, subvertendo o estigma da loucura (Netto, 2019). Exemplos como os de Arthur Bispo do Rosário e Vincent Van Gogh demonstram como a arte funciona como um *sinthoma* ou uma *bricolagem*, permitindo que o sujeito organize seu mundo interno e dê contorno à sua corporeidade por meio de sua expressão artística (Nascimento; Lima Neto; Nóbrega, 2023). Além disso, quando a produção artística de pessoas em sofrimento mental ganha visibilidade social, ela promove a valorização destes corpos, antes objetificados e estigmatizados pela representação social da loucura como incapacitante, demonstrando que nesse contexto a arte não é apenas terapêutica, mas também um ato político de ocupação do espaço público, restituindo ao sujeito sua cidadania e poder contratual (Netto, 2019).

A partir do exposto, este trabalho propõe uma análise fenomenológica da correlação entre o sofrimento de Van Gogh e sua produção artística, uma vez que o artista explicita seu modo de ser no mundo de forma corporificada em algumas de suas telas (Gogh, 2010). Interessa-nos investigar a relação entre corpo, memória e sofrimento existencial expresso na vida e obra de Van Gogh. A partir desta análise teórica será possível pensar possibilidades de cuidado que abarquem a dimensão da corporeidade em sua relação com o mundo e com a existência.

METODOLOGIA

Este trabalho refere-se a uma pesquisa bibliográfica com referencial teórico-filosófico fenomenológico, fundamentado principalmente nos conceitos de memória corporal, corporeidade, padecimento existencial e cuidado humano propostos por Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Ancorados na maneira como essa fenomenologia pensa o existir corporificado, analisamos o sofrimento do pintor Vincent van Gogh, considerando dados de sua biografia e as cartas que escreveu ao irmão, Théo. À luz da abordagem fenomenológica do corpo, da enfermidade e do cuidado humano, analisamos em que medida o seu adoecimento é concretizado plasticamente em algumas de suas obras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da literatura investigada pudemos refletir acerca de como os corpos dissidentes expressam as marcas do sofrimento existencial e das diversas formas de violência a que são socialmente submetidos, e ainda como a manifestação da memória corporal na produção artística de Vincent van Gogh revela como a arte pode atuar como um dispositivo de resistência e reconstrução subjetiva. Corpos dissidentes são aqueles que, por suas características físicas, mentais ou sociais, rompem com os padrões de normalidade impostos por uma sociedade neoliberal e necropolítica (Moreira, *et al.*, 2024). Esses corpos, frequentemente rotulados como "anormais", "abjetos" ou "matáveis", enfrentam uma distribuição desigual de precariedade. A

loucura, historicamente, é uma das marcas que define a dissidência, retirando do sujeito o direito à sua plena cidadania e identidade (Moreira, *et al.*, 2024; Netto, 2019).

O sofrimento existencial surge quando essa condição de dissidência colapsa a familiaridade da pessoa com o seu mundo. No adoecimento mental, a existência padece como um todo: o *corpo-vivido* (*Leib*) contrai-se para dentro de si e o ambiente cotidiano passa a exalar uma atmosfera de estranhamento. Van Gogh personifica essa trajetória, sendo alguém cuja vida foi marcada pela exclusão e cujas obras foram rejeitadas e descritas por críticos de sua época como produtos de uma mente doentia (Nascimento; Lima Neto; Nóbrega, 2023).

A fenomenologia propõe que o corpo possui uma memória corporal intrínseca, que não se limita a representações mentais, mas constitui um *saber como* (*know-how*) tácito e pré-reflexivo. Essa memória guia o nosso modo particular de ser-no-mundo (CASEY, 2000). No caso de Van Gogh, sua habilidade artística reflete seu corpo habitual: suas pinceladas e o uso das cores são manifestações de uma memória que *corpora* situações específicas de seu cotidiano e de sua subjetividade. As obras produzidas em períodos de crise ou internação, como o "Corredor do Hospital Saint Paul", o “Autorretrato com a orelha enfaixada” e a pintura da “Enfermaria”, carregam a memória de dores profundas e a sensação de desamparo (Gogh, 2010). Van Gogh não apenas pintava o que via, mas o que sentia; sua arte era uma extensão de sua própria carne e de seu sofrimento existencial. A produção artística de Van Gogh pode ser entendida como uma invenção, uma forma de *saber-fazer* com o sofrimento psíquico. Para sujeitos em sofrimento, a arte funciona como um *anteparo* à loucura, permitindo que eles lidem com seu corpo e estabilizem suas existências (Nascimento; Lima Neto; Nóbrega, 2023). Ao assumir o papel de artista, o sujeito dissidente transita de uma identidade enrijecida pelo diagnóstico para uma identidade metamorfoseada: do "louco" ao "músico" ou "pintor" (Netto, 2019). A obra de Van Gogh, portanto, não explica sua loucura, mas se comunica com ela, inaugurando o tempo de sua verdade subjetiva. Sua produção é um exemplo de como o corpo vibrátil, tocado pelo invisível e pela dor, pode transformar o "dejeto" da vida psíquica em uma estética de potência e resistência (Nascimento; Lima Neto; Nóbrega, 2023).

CONCLUSÕES

A análise da vida e obra de Van Gogh sob a lente dos corpos dissidentes e da memória corporal permite compreender o sofrimento existencial não como uma patologia isolada, mas como uma ruptura na unidade do ser-no-mundo corporificado. Conclui-se que a produção artística constitui um exercício de ressignificação e uma ferramenta de estabilização subjetiva. Assim, a arte aparece como uma via de metamorfose identitária através da transição do estigma de louco para a identidade de artista. Assumir o papel de criador permite ao sujeito dissidente transitar de um lugar de desvalor para uma posição de participação social e reconhecimento. Portanto, a obra de Van Gogh permanece como o testemunho de que o corpo que sofre é também o corpo que cria sentidos, transformando a dor existencial em uma estética de resistência que desafia as normas de produtividade e normalidade da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. D. da S; NETO, M. C. N. F. A construção social da loucura e o suplício de um louco no conto André louco de Bernardo Élis. **Temporalidades – Revista de História**, v. 12, n. 1, p. 570-587, jan./abr. 2020.

BENETTI, Â. S. *et al*. Existência e resistência dos corpos loucos: o corpo em processo e a reforma psiquiátrica brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 4, 2020.
CASEY, E. **Remembering. A phenomological study**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2000.

GOGH, V. V. **Cartas a Théo**. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 2010.
LOPES, H. de P; GUIMARÃES, R. S de. Corpos dissidentes, artes desviadas e exercícios político-situados de descolonização das subjetividades. *In*: **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero**: saberes plurais e resistências. [S. l.]: CINABEH, 2021. v. 1, p. 433-447.

MOREIRA, R. *et al*. Quando corpos dissidentes proclamam seus lugares como corpos diz-sonantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 7, 2024.

NASCIMENTO NETO, A. A do; RIBEIRO, C. V. Corpo e espacialidade no pensamento de Heidegger: uma análise ontológico-existencial da corporeidade. **Revista Húmus**, v. 14, n. 43, p. 19-40, 2024.

NASCIMENTO, Z. A. do; LIMA NETO, A. A. de; NÓBREGA, T. P. da. Corpo, arte e loucura em Arthur Bispo do Rosário. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 28, 2023.

NETTO, I. C. **De louco a músico**: quando a arte e a saúde mental se encontram e produzem novos sujeitos. 2019. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

SILVA, J. B. B da. **Corpos dissidentes em coletivos de arte**: aparição, criação e políticas de vida. 2024. 178 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.